

Resenha:

Os gêneros do discurso, de Mikhail Bakhtin¹

A recente tradução de Paulo Bezerra do ensaio de Bakhtin *Os gêneros do discurso* (1952-1953) vem lançar nova luz à teoria dialógica bakhtiniana. Embora o tradutor já tenha traduzido este ensaio que integra a coletânea *Estética da criação verbal* (2003), ao desmembrá-lo do conjunto da coletânea para relançá-lo, juntamente com *O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas* (1959-1961), procura iluminar aspectos pouco enfatizados na antiga tradução.

A teoria de Bakhtin, em virtude de seu processo de gestação e da dificuldade de acesso a muitos de seus textos que aos poucos vêm sendo traduzidos no ocidente, mais especificamente em português, propicia um novo olhar teórico a cada tradução. Paulo Bezerra tem sido um desses tradutores, com domínio da língua Russa, que procura difundir a teoria bakhtiniana elucidando aspectos pouco explícitos e que dão margem a equívocos interpretativos. Conhecedor da língua e da literatura Russa, especializou-se em tradução de textos literários e técnico-científicos, o que lhe auferiu maior intimidade com o pensamento de Bakhtin, inclusive porque também se dedica à crítica literária, conforme comprova sua formação acadêmica. Formado em Letras no Rio de Janeiro, pela Universidade Gama Filho, continuou sua formação concluindo mestrado e doutorado na PUC-RJ desenvolvendo temas relacionados à literatura. Além disso, defendeu tese de livre-docência na FFLCH da Universidade de São Paulo e atuou como professor de teoria da literatura na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Suas pesquisas sempre estiveram relacionadas com temas discutidos por Bakhtin, como gênese do romance, carnavalescação, dialogismo, romances de Dostoiévski. Portanto é um pesquisador afinado tanto com a língua Russa na qual Bakhtin se expressa quanto às obras dostoiévskianas sobre as quais Bakhtin se debruça na elaboração de sua teoria dialógica. Sendo assim, Bezerra caracteriza-se como intérprete privilegiado do pensamento bakhtiniano, o que se revela em seus trabalhos primorosos de tradução. O fato de traduzir e retraduzir reavaliando suas traduções em função de um novo contexto de pesquisa e de pesquisadores marca sua imersão na teoria de Bakhtin, para quem o enunciado, apesar de concluído em seu ponto final, está sempre aberto a possíveis interpretações, concluindo-se a cada momento de sua leitura. Para Bezerra traduzir é aproximar-se ao máximo do autor e de sua língua e à medida que novos textos bakhtinianos vão aparecendo novas formas de assimilação de sua teoria vão surgindo também.

Como a exposição teórica deste filósofo da linguagem não objetiva a didatização de seus conceitos sobre a linguagem, é preciso que o intérprete mergulhe em seu universo para compreender adequadamente seus conceitos e suas implicações. Essa é a tarefa a que se propõe Bezerra ao traduzir e retraduzir os mesmos textos. Este projeto já havia sido anunciado com a publicação de *Teoria do romance I: A estilística* (2015), publicado pela Editora 34, um dos ensaios que integra *Questões de literatura e de estética: uma teoria do romance* (1975), coletânea de textos escritos em diferentes épocas. Assim, esta publicação de *Os gêneros do discurso* dá sequência à proposta de Bezerra de apresentar novas traduções em função da publicação das *Obras reunidas* (1997) de Bakhtin, organizada na Rússia por Serguei Botcharov. A tradução de *Os gêneros do discurso* faz parte do projeto

1 Miriam Puzzo. Docente dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação da UNITAU.

de desmembramento da *Estética da criação verbal*, coletânea de ensaios preparados em momentos diferenciados, em quatro livros, conforme nos explica Bezerra: “Na realidade, *Estética da criação verbal* não é um livro tematicamente uniforme; são três livros em um, todos diferentes entre si pelos objetos de análise e reflexão, além de dois textos sobre Dostoiévski e outros quatro sobre diferentes temas de ciências humanas. “Por sugestão minha e aceite dos herdeiros de Bakhtin”, a Editora 34, detentora oficial dos direitos da obra de Bakhtin no Brasil, resolveu desmembrar *Estética da criação verbal* em quatro livros e publicá-los separadamente, começando por *Os gêneros do discurso*.

Além desse ensaio, datado do período 1952-1953, que dá título a esta edição, Bezerra acrescenta o ensaio “O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” (1959-1961), traduzido pelo próprio Bezerra na *Estética da criação verbal* (2003), na qual recebe como título “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas”. O motivo da nova versão do título é assim justificado pelo tradutor: “Em minha antiga tradução de *Estética da criação verbal*, o título deste cabeçalho era ‘O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas...’. Para esta nova edição resolvi abolir ‘O problema do’ por considerá-lo um cacoete do estilo russo, cuja supressão não tem nenhuma interferência na reflexão de Bakhtin”(p. 71).

Além desses dois ensaios, há o acréscimo dois textos inéditos, “Diálogo I” (1950) e “Diálogo II” (1952), publicados na Rússia, no volume 5 das obras de Bakhtin, pela editora moscovita *Rússkie Slovarei* em 1997. Estes constituem parte das anotações de Bakhtin que se encontram em seu acervo. Neles o filósofo russo expõe suas reflexões sobre língua e linguagem como parte constitutiva da gestação do ensaio *Gêneros do discurso*. Também apresentam reflexões como parte de projetos que não chegaram a se concretizar. Como explica o tradutor: “À primeira vista são rascunhos do que viria a ser o texto final de ‘Os gêneros do discurso’, porém uma leitura atenta mostra que Bakhtin vai além do livro projetado. Muitos dos temas ali presentes integram ‘Os gêneros do discurso’”, outros são ideias que Bakhtin pretendia desenvolver, aprofundando sua vasta teoria dos gêneros discursivos e ampliando-a para os gêneros especificamente literários e até mesmo para outros gêneros da escrita.” (p. 111). Por meio desses fragmentos, reveladores de ideias em gestação, é possível relacionar conceitos que às vezes não estão muito claros ou mesmo que não são explicitados na exposição teórica dos ensaios concluídos. Como sinaliza Bezerra: “Os temas ali esboçados ou desenvolvidos ajudarão, e muito, o leitor brasileiro a compreender os complexos meandros de ‘Os gêneros do discurso’, além de inseri-lo no laboratório das ideias de Bakhtin.” (p.111).

Na organização geral desta publicação, o sumário é revelador do cuidado do tradutor, com as fontes, as notas, as explicações sobre o processo da tradução. Ele é assim constituído: “Notas à edição brasileira”, “Gêneros do discurso”, “O texto na linguística, na filologia” e os anexos “Diálogos I” e “Diálogos II” que são precedidos por nota do tradutor a respeito destes textos e, para finalizar, o “Posfácio” de Paulo Bezerra. Esta edição também apresenta textos breves “Sobre o autor” e “Sobre o tradutor”.

Compondo as orelhas do livro Beth Brait, pesquisadora da teoria bakhtiniana, faz seus comentários a respeito desta nova tradução, justificando-a. Assim se manifesta Brait: “A tradução é uma relação singular estabelecida entre um *texto* de partida e um contexto de chegada, implicando modos de ler e reler uma obra e seu autor.” E esse é um dos méritos desta tradução.

Nas notas há a descrição da seleção dos ensaios, a seguir os dois ensaios já com algumas inovações na redação. Como é possível observar, o tradutor procura atualizar sua tradução em função do leitor brasileiro, reavaliando alguns aspectos da tradução anterior.

Uma das primeiras diferenças diz respeito às notas de rodapé que substituem as do final do livro na *Estética criação verbal* (2003). Essa mudança dá ao leitor uma informação importante de modo imediato, facilitando sua leitura. Além disso, procura formas mais adequadas, como por exemplo, a substituição do termo “ideologia”, na versão antiga por “visão de mundo” na tradução atual. Tal substituição evita conotações ou um viés diferente daquele proposto no original. Também, como o próprio tradutor explica, substitui enunciação por enunciado para evitar certa confusão teórica, tendo em vista que no texto original Bakhtin emprega os dois termos indiferentemente para referir-se ao mesmo processo comunicativo. Nas palavras do tradutor: “Em traduções anteriores, talvez influenciado por outras correntes linguísticas, eu havia traduzido o termo *viskázivanie* por ‘enunciação’ quando se tratava de ato ou produção imediata de fala ou discurso. A releitura cuidadosa e analítica que fiz dos textos para esta edição me fez perceber que eu havia de fato cometido uma séria impropriedade. Para Bakhtin, *viskázivanie* ou ‘enunciado’ não equivale a mero ato de produção de fala ou discurso; é muito mais que isso. Enunciado é o elo (NB: o elo e não um elo) essencial da cadeia de comunicação, e é dotado de uma tridimensionalidade comunicativa histórica e cultural que reúne passado (o antecedente), presente (o *continuum*) e o futuro (o conseqüente) do processo de comunicação como um fenômeno da cultura perene em sua substancialidade e aberto como forma de existência e comunicação entre os homens no devir histórico e na unidade aberta de cultura e história.” (p.153). Este é um aspecto crucial para estabelecer a diferença deste conceito em relação às outras vertentes teóricas, ocorrendo muitas vezes confusão conceitual entre iniciantes e até mesmo entre pesquisadores que se debruçam sobre o estudo dos gêneros discursivos. O comentário do tradutor é fundamental e esclarecedor, evidenciando um modo de ler aprimorado da teoria.

Também inova ao adaptar termos que não têm correspondentes na língua portuguesa, criando neologismos. É o caso, por exemplo, do termo “compreendedor” empregado no seguinte trecho da página 113, do Diálogo I: “A compreensão não repete nem dubla o falante, ela cria sua própria concepção, seu próprio conteúdo; cada falante e cada compreendedor permanece em seu próprio mundo; a palavra faculta apenas o direcionamento, o vértice do cone.” Para justificar este neologismo, assim se manifesta o tradutor: “Embora o termo ‘compreendedor’ não esteja dicionarizado, não há outro em português capaz de transmitir com precisão o significado da diáde falante-compreendedor [...], base da concepção bakhtiniana de diálogo. Com a inserção do ‘compreendedor’ como par obrigatório da relação falante-ouvinte, Bakhtin marca sua diferença em face de uma linguística tradicional, na qual o ouvinte se limitava a ouvir e nunca era considerado falante.”

Recurso semelhante ocorre com o termo “principal” que Bezerra emprega para aproximar mais a tradução do original russo, embora este termo constitua um neologismo em português. Na justificativa para este uso assim explica o tradutor: “Com o intuito de dar mais leveza à linguagem dos textos, tive de apelar para uma ‘ousadia’. Na língua portuguesa não existe adjetivo para a palavra ‘princípio’ como proposição lógica fundamental sobre a qual se apoia o pensamento (Houaiss). O russo usa, às vezes como um cacoete, a palavra latina *princípio* na forma adverbial *printsipialno*, que tanto pode ter o valor de advérbio (*principalmente*) como da locução adjetiva ‘de princípio’. Como Bakhtin a emprega com o sentido de proposição lógica, resolvi traduzir *printsipialno* por principal, em vez de usar a locução adjetiva ‘de princípio’ que, numa sequência formada com outros adjetivos, quebra frequentemente a fluidez do discurso, tornando-o pesado.” (p.152).

Há outras substituições descritas pelo tradutor que respondem de certo modo ao leitor, facilitando sua leitura. Entre as adaptações de vocabulário encontra-se a substituição

da expressão latina “mutatis mutandis”, que se encontra na página 272 da *Estética da criação verbal*, por “mudança e adendos”, na página 25 desta edição. Tal escolha se deve ao diálogo do tradutor com o público leitor, constituído não só por pesquisadores, mas também por estudantes pouco afeitos a expressões latinas, tendo em vista que o latim deixou de ser uma disciplina obrigatória dos cursos de graduação e muito menos dos cursos de Ensino Fundamental e Médio como ocorria até os anos setenta do século XX. Portanto, o tradutor procura facilitar ao leitor mais jovem o contato com a teoria bakhtiniana, apresentando uma linguagem menos formal sem ferir o original. Além da adequação do vocabulário, Bezerra procura ser mais direto e objetivo, como ele mesmo afirma no Posfácio. Um bom exemplo se encontra na redação do trecho: “A questão da natureza da oração é uma das mais complexas e difíceis na linguística”, página 276 da *Estética da criação verbal*, substituído pela redação mais direta “(A natureza da oração é uma das questões mais complexas e difíceis na linguística...)” (p. 31).

Algumas outras mudanças, menos significativas, são apontadas por Bezerra com o intuito de tornar o discurso mais claro e direto: “todo”/ “conjunto” por “totalidade”; “artístico” por “ficcional”, “semântico” por “de sentido”; “configuração dialógica” por “dialogicidade” – neste último caso “para manter com a máxima originalidade a terminologia de Bakhtin” (p.152), conforme justifica o tradutor. Também substitui “compreensão” por “interpretação”, quando este termo se refere a obra literária.

Muitos são os fatores que tornam esta tradução significativa para pesquisadores e leitores interessados na teoria dos gêneros discursivos ou na dialogia como princípio teórico. Apesar de os textos originais serem os mesmos, esta nova tradução oferece um enfoque diferenciado. Em primeiro lugar por desvincular o ensaio *Os gêneros do discurso* da coletânea de ensaios sobre outros temas, mais direcionados à literatura e elaborados em momentos diversos. Em segundo, coloca em evidência os conceitos e as categorias teóricas referentes aos gêneros, destacando-os dos outros conceitos desenvolvidos nos outros ensaios. Portanto apesar de ser o mesmo texto original, ele é outro em função do novo contexto, de uma nova proposta de tradução atualizada ao leitor contemporâneo. Sendo assim, como a teoria dialógica demonstra o enunciado é irrepetível, ainda que seja idêntico, muda o contexto, muda os destinatários, muda a proposta comunicativa, muda o tom (p.48-49). É o tradutor bakhtiniano que Bezerra representa ao reavaliar e atualizar sua tradução de treze anos atrás.

Sendo assim, esta nova edição de *Os gêneros do discurso* é fundamental para pesquisadores e estudiosos da vertente teórica bakhtiniana, pois, além dos ajustes da tradução, conta com o posfácio explicativo do tradutor e com dois textos inéditos que auxiliam a compreender a teoria e as ideias que a sustentam, principalmente no que tange à concepção de língua viva e de metalinguagem.

Referências

BAKHTIN, M. M. *Os Gêneros do Discurso*. (Organização, tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra, notas da edição russa Serguei Botcharov), 1ª ed., São Paulo: Editora 34, 2016,176p.